

## INFLUÊNCIA DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS NA DINÂMICA DO CASAL

*Maria do Carmo de Andrade-Silva<sup>1</sup>*

### *INFLUENCES OF SEXUAL DYSFUNCTIONS IN THE COUPLE'S DYNAMICS*

**Resumo:** Neste artigo refletiu-se sobre os diversos tipos de casal que permeiam o mundo atual, sobre as interferências que as disfunções sexuais podem gerar em seu relacionamento; assim como, sobre a presença de vários outros fatores que permeiam as relações de casal e interferem nesta dinâmica, propiciando maior ou menor intensidade de conflitos. Para tal, precisou-se focar características típicas do momento socio-histórico e suas interferências nas pessoas e nos casais. Pontuou-se sobre a necessária individualização dos casais e das pessoas que o compõe, observando-se suas estruturas de personalidade, crenças, valores, necessidades, significado de seus vínculos, sobre as formas de manifestação das disfunções, suas etiologias e reações ao problema.

**Palavras-chave:** Casal. Disfunção sexual. Interferências na conjugalidade.

**Abstract:** In this article we presented thoughts on the various types of couple which are present in today's world, about the impact that the dysfunctions can generate in their relationship; and on the presence of other factors that are present in a couple's relationship and interfere in this dynamics, created conditions for conflicts of greater or lesser intensity. To this end, it was necessary to focus on typical characteristics of the social-historical moment and its interference in people and couples. It was pointed out the need for individualization of couples and individuals that make up it, observing their structures of personality, beliefs and values, needs, meaning their links, the forms of manifestation of dysfunctions, their etiologies and their reactions to the problem.

**Keywords:** Couple. Sexual dysfunction. Interference in the relationship

As relações conjugais são estruturadas de formas distintas, fazendo com que os casamentos não sejam homogêneos, pois tais distinções constituem-se a partir de outras instituições e valores para cada casal. Na realidade, o casamento é um subsistema dentro de vários sistemas para cada um, como: a família extensa, religião, o relacionamento com o trabalho, a importância do sexo, de filhos, do lazer, da atenção a si mesmo e à família nuclear. Um subsistema, com muitas interfaces, o que o diferencia e individualiza.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia e Livre Docente em Sexualidade Humana. Prof.<sup>a</sup> da Universidade Gama Filho-Rio de Janeiro. E-mail: [mariacarmos@yahoo.com.br](mailto:mariacarmos@yahoo.com.br)

As relações afetivas e sexuais no casal podem ser a possibilidade, de se reconstruir um novo elo significativo na vida adulta, contribuindo para satisfazer as necessidades de: intimidade, carinho, segurança, prazer e minimizar a angústia da solidão. Na Teoria Triangular de Amor de (Sternberg, 1988), os componentes básicos de uma relação amorosa são: intimidade, paixão, decisão e compromisso. Porém, nem sempre o peso e a mistura destes elementos, encontram-se em consonância em cada um do par. Podem apresentar-se de forma: muito equilibrada, medianamente combinada, pouco equivalente, ou em nada parecidos. Assim, o equilíbrio de dosagem destes sentimentos, em cada um, propiciará melhor relacionamento ou muitos conflitos, pois o que gera encontro e felicidade, nos melhor combinados, irá propiciar expectativas não realizáveis e cobranças, naqueles com pobre ou nenhum equilíbrio nestes fatores.

Atualmente observa-se um aumento da desintegração das estruturas familiares tradicionais, notando-se uma crescente experimentação nos relacionamentos de casal e família. A fragilidade dos vínculos de casamento tem levado a diminuição da confiança nesta instituição e como mecanismo de defesa, investe-se menos ao se perceber a fragilidade e o relativismo do vínculo (BAUMAN, 2004).

A antiga família extensa foi substituída no século passado pela tradicional família nuclear, com o poder ainda centrado na figura paterna e vínculos institucionais, fortemente fixados. Porém, nos anos de 1960, com as alterações do pós guerra, o advento dos contraceptivos orais, a alteração do conceito ideológico de sexo-reprodução para sexo-prazer e a necessidade do trabalho feminino fora do lar, geraram-se significativas alterações nas relações de casal e família. No antigo ideário do sexo reprodutivo, as normas eram rígidas e heterossexuais (pênis/vagina com intenção reprodutiva). Nesta época, o que hoje se denomina jogos sexuais, eram chamados de desvios, perversões ou pecados. A masturbação punida e a realização sexual da mulher vinculada à maternidade.

No novo ideário de sexo-prazer, amparado pelos contraceptivos mais seguros, o sexo passou a ser: amplo e com poucas normas. Variadas práticas heterossexuais como sexo oral, masturbação mútua ou sexo anal, passaram a fazer parte do relacionamento. Observou-se, progressiva aceitação da homo e da bissexualidade, assim como o uso de filmes, internet, ou brinquedinhos eróticos de *sex shopping*. Os jogos sexuais passaram a ser vistos como prática necessária à excitação; a masturbação percebida como sexo seguro e direito ao prazer

individualizado. Desejo e orgasmo feminino, vistos como saúde sexual e sua ausência, disfunção sexual. A ejaculação precisou ser controlada, acenando com maiores possibilidades de prazer e seu descontrolo disfunção sexual.

Gerou-se maior independência feminina em relação à maternidade, à sua sexualidade e aos homens em geral, fazendo com que, muitas das tradicionais barragens nos códigos de valores morais, especialmente associados ao feminino, fossem sendo alteradas e novas exigências surgindo. A expressão de erotismo, desejo, de vários orgasmos, assim como o controle ejaculatório, a qualidade e a quantidade de ereções, passaram de possibilidades a necessidades e, posteriormente a obrigações e disfunções.

Por pressão sócio econômica, obrigou-se a ambos do casal, a sair em busca de trabalho, o que propiciou ganhos econômicos e possibilidades de outros sonhos e realizações para as mulheres. Porém no trabalho exige-se (competência, independência, objetividade e realizações), características incomuns na tradicional educação feminina, o que gerou novas determinações e angustias pelas dificuldades encontradas. Com as mulheres trabalhando fora, houve a necessidade de participação doméstica masculina, de um companheiro, mais que somente um provedor. Novidade no mundo dos homens, o que também gerou ansiedade e conflitos (JABLOSKI, 1999; ANDRADE-SILVA, 2003).

Na constituição brasileira de 1988, redefiniu-se o conceito de família e esta passou a ser considerada como: uma união estável entre um homem e uma mulher ou qualquer dos pais e seus descendentes - com igualdade de direitos e deveres. Em maio de 2011, observou-se em nosso país, a extensão desta legalização, para as uniões homoafetivas.

Dentre a pluralidade conjugal observam-se variações, quanto ao tipo de família: Família Tradicional, Família Monoparental (quando um dos conjugues está ausente) e Família Reconstituída (quando existe mais de um casamento para alguém do par). Nestas transformações, muitos desafios, muitas dificuldades e conflitos: econômicos - sociais - emocionais - afetivos e sexuais (BUCHER, 1999; RUDINESCO, 2002)

Observa-se também, variações quanto ao tipo de inserção da mulher no mercado de trabalho, o que também propiciou alterações e reações nas interações dos casais. Segundo (DINIZ, 1999), dentre as variantes encontram-se: - Casamento tradicional (o homem trabalha, é o provedor e a mulher é do lar), estruturado por cooperação e clara delimitação de papéis masculinos e femininos. - Casais com duplo trabalho (atividades que não requerem alto grau de

instrução, o casal trabalha por razões financeiras e não se exige investimento, após jornada). - Casais com dupla carreira (profissões conhecidas como carreiras, com etapas de progressão), o que exige instrução, treinamento, comprometimento e reciclagem, além de trabalho fora da jornada. Nestes casos observa-se maior afastamento dos papéis de gênero tradicionais, exigindo flexibilidade e constituição de novos modelos de conduta nos casais. - Casais mistos (um tem carreira e o outro trabalho). Quando a carreira é do homem, é considerada muito importante e o trabalho da mulher secundário. Casos onde os papéis de gênero permanecem tradicionais e sobrecarregados para o feminino. Porém, quando é ela quem tem carreira, e esta gera “status” e dinheiro, e ele tem trabalho, ocorrem muitos conflitos e freqüentes separações. - Casais em trânsito (viajam muito ou moram durante a semana em outra cidade). Nestes casos, percebe-se a necessidade de muita flexibilidade dos papéis tradicionais e a ocorrência de maiores intensidades de conflitos. E mais recentemente encontram-se os - Casais interculturais, novidades do mundo atual, que gera muita complexidade relacional e de adaptações às diferentes situações, gerando muitos conflitos. (PAPP, 2002).

As alterações com o trabalho feminino fora de casa e a incidência de conflitos, parece depender de alguns fatores como: número de horas trabalhadas pela mulher, remuneração e *status*, importância atribuída ao trabalho por ambos os conjugues, intensidade do envolvimento da mulher com a carreira e terem ou não filhos. Observa-se que, quanto mais congruência entre os parceiros, menor incidência de conflitos.

O trabalho fora para o mundo feminino, parece ter trazido vantagens e desvantagens. Quanto às vantagens citam-se: melhoria de auto-estima, independência, melhor condição de vida, afinidade intelectual entre os parceiros, competência aumentada e melhoria na saúde física e psíquica. Quanto às desvantagens apontam-se: sobrecarga, cansaço, *stress*, falta de tempo para a família, para se cuidar e para a administração da casa; fazendo com que o relacionamento afetivosexual, pague o ônus. Segundo pesquisas (BUCHER, 1999; PAPP, 2002), os casais tendem a priorizar: a si mesmos, aos papéis parentais e profissionais e, só por último, a eles como casal. Mencionam a importância das relações afetivosexuais, porém não cuidam. Observa-se crescente incidência de famílias reconstituídas, alta incidência de problemas relacionais diádicos e queixas de disfunção sexual, tendo-se como principais queixas para o divórcio: a infidelidade, insatisfação sexual, desatenção e a incompatibilidade. (FERES-CARNEIRO, 1999).

Casamento x Trabalho x Sexo x Individualismo, constantes no mundo de hoje, (BAUMAN, 2004), têm promovido muitas alterações. No casamento tradicional, as normas eram fixadas e estáveis, onde o homem deveria ter trabalho, fazer a manutenção da família e ser mais livre para sexo. Enquanto a mulher deveria dedicar-se ao lar e aos afazeres domésticos, promovendo a estabilidade da família, sendo compreensiva, afetiva, educando os filhos e atendendo aos desejos do esposo. No entanto hoje, homens e mulher precisam ter e se dedicar ao trabalho, à vida conjugal e familiar, além de encontrar tempo para lazer, sexo e afeto. Exige-se que ambos tenham ganhos econômicos, para realização de sonhos pessoais e manutenção da família, gerando crises entre o individualismo da autonomia e satisfação pessoal, e os necessários ceder e compreender da conjugalidade.

Vive-se em um tempo que corre rápido, em um processo de individualismo crescente, em que as pessoas e os casais têm que produzir mais, ter mais, saber mais e ser mais, gerando falta de tempo e angústia. Com isso, cresce a necessidade de urgência resolutiva, onde o “EU” assume grande proporção e o “nós”, fica na maioria dos casos para depois. Fato que propicia baixo investimento na relação, gerando incertezas, relatividade dos vínculos, desinteresse e progressivo distanciamento. Constituindo-se assim, maior fragilidade diádica, em uma era, do chamado “Amor líquido” (BAUMAN, 2004). Como investir muito em algo que está fora do controle do “Eu”, algo associado às necessidades do “Eu” do “Outro”. Como navegar em um terreno fora do controle individual, que pode se liquefazer, simplesmente pelo desejo do outro.

Observa-se maior incidência de divórcios, de mães solteiras, mulheres cabeças de casal, homens morando com filhos, casais homossexuais, uso de inseminação artificial, casais morando em casas separadas, recasamentos etc. Enfim, casais constituindo-se em novas formas de interação, que exigem do terapeuta trânsito por muitas realidades, linguagens, símbolos e significados, sinalizando que as disfunções sexuais no casal, constituem-se em mais um item nesta trama, fazendo com que sua importância deva ser avaliada, segundo cada pessoa, cada casal e o momento por eles vivenciado.

Quando se fala de casal, pensa-se naquilo que promoveu sua aproximação e intenção para a formação deste par. É preciso que se reflita sobre a atração interpessoal, paixão, enamoramento, desenvolvimento dos afetos e do amor. No entanto, o casal forma-se por diversas razões, onde o romance, atração sexual e a paixão, são algumas delas. Outras necessidades fazem parte destas escolhas e dentre elas estão: razões econômicas, formação de família, *status ou* adequação

social, carência afetiva, fugir de situações desagradáveis, ter filhos, religião, solidão etc. Portanto, nem todos se escolhem por afinidades sexuais e, o terapeuta precisa ter em mente, que tais escolhas, aconteceram em atendimento às necessidades da pessoa, de sua estrutura de personalidade e do momento da constituição deste vínculo. Processo nem sempre consciente, ou estável, mas com forte significado, para o entendimento dos problemas.

Precisa-se refletir sobre: Quais os motivos da união? Qual a importância de sexo para cada um? Como era e desde quando se alterou? Qual a importância do orgasmo, do prazer, ou da penetração no sexo? Qual a importância do outro do par, para ele ou para ela? Em que outros momentos, o outro é muito ou mais importante que em sexo? Em que época da vida o problema sexual está ocorrendo? (jovens, adultos jovens com filhos pequenos, meia idade com filhos maduros, terceira idade). Saber sobre o trabalho, stress, dinheiro, tempo, família, filhos, religião, doença.

Qual a importância do problema sexual? Para si mesmo, para o outro e para a relação, pois o “outro” é um importante mobilizador da sexualidade do “um”. O casal constitui-se da interação dinâmica entre a forma de ser e demonstrar de um, e sua interferência na maneira de sentir e se mostrar do outro. Se um apresenta pouco interesse afetivo, isto pode gerar pouco interesse sexual no outro. Assim como, quando um demonstra pouco interesse sexual, pode gerar baixo interesse sexual no outro. O comprometimento do desejo implica em: desconfiança, insegurança, ciúmes, vigiações, cobranças, exigências e, até percepções de que o casamento acabou. Sequencialmente promovendo distanciamento, individualização, raiva, traição, conflitos e até separações.

A variabilidade da intensidade do desejo sexual, sua diminuição ou inibição, por vezes é consequência de problemas conjugais e, em outros é o detonador destes problemas. Por vezes, é consequência de outro problema sexual, como: falta de orgasmo, de jogos sexuais, de lubrificação, dispareunia, vaginismo, falha de ereção, ejaculação precoce ou retardada. Em outros é consequência de problemas familiares, de saúde, psicológicos, de trabalho ou sociais. Portanto, dependendo da interação entre os vários vetores, que interferem no desejo sexual (Modelo vetor matemático de MASTERS E JONHSON,1997; KAPLAN,1999), a relação conjugal será mais ou menos atingida.

Ereção, penetração e orgasmo, têm fortes significados para homens e mulheres, pois sinalizam os desejos deles para eles mesmos e por elas. A identidade masculina encontra-se

vinculada à força, poder, virilidade e êxito, processos constantes na vida do homem e com relação direta com o pênis e seu funcionamento. A disfunção erétil e a ejaculação precoce são as disfunções masculinas, mais freqüentes (ABDO, 2004). São responsáveis por contaminar de forma incisiva a vida de um homem, atingindo seu: humor, autoconceito, vida relacional, vida profissional e sua relação afetiva e sexual. Estas disfunções podem produzir evitação sexual, por medo de falha e, ou de críticas do outro do par. Podem gerar encolhimento sexual, sentimentos de incompetência, inferioridade, desprezo por si mesmo, álcool e, ou drogas. Ao contrário, também podem levar a evitação, raiva, críticas, traições e agressões à parceira(o).

A falha de ereção do parceiro pode gerar na parceira(o), diminuição de excitação, de desejo ou anorgasmia. Além de produzir: insegurança - sentimentos de inferioridade e medo. Pois a disfunção erétil induz a sentimentos e representações, muito além de uma falha física erétil. Ocorrem questionamentos quanto: ao interesse dele por ela, a qualidade dos vínculos, inadequação, não mais ser erótica(o) pra ele; o que gera desconfiança, vigiações e ou distanciamento afetivo para sua própria proteção.

As parceiras(os) sexuais de homens disfuncionais são parte ativadora e receptora de sentimentos e reações vivenciadas nestes momentos. Reações que afetam a dinâmica do casal como: exigência de desempenho sexual, raiva, críticas, inferiorizações diretas ou indiretas, além do processo de descontar consciente ou inconsciente em outros campos da interação. Ou ao contrário, podem apresentarem-se compreensivas(os) e oferecer suporte afetivo e ou incentivo para a busca de auxílio. Por vezes, a reação depende de como ele expressa o problema, da qualidade dos vínculos de confiança e afeto, ou do tipo de problema associado. O que pode promover união na resolução do problema, ou sérios conflitos no casal.

O uso de medicações e ou prótese, poderá ser mais aceita, sempre que houver participação da(o) parceira(o) na tomada desta decisão. Pois quando ela(e) não foi consultada(o) e foi pega(o) de surpresa, normalmente sente-se alijado(o) da vida do parceiro, o que pode causar outros conflitos no casal.

Também a ejaculação precoce, pode ser causadora de grandes dificuldades relacionais, pois ansiosos, produzem uma relação mecânica e rápida, onde o encontro e prazer ficam em segundo plano, não permitindo tempo à excitação e orgasmo de sua (seu) parceira(o). Por vezes, até mesmo acusam a(o) parceira(o), de incompetência em se excitar, camuflando sua própria disfunção. Porém, dependendo da intensidade como o problema manifesta-se, as reações também

serão variadas. Pode ocorrer já nas primeiras carícias, gerando muita decepção, frustração, insegurança, irritação, raiva, evitação e conflitos. Porém, os problemas conjugais podem ser minimizados, dependendo da forma como a(o) parceira(o) consegue ter seu orgasmo, da valorização que dá à penetração, da forma como ele tenta compensá-la(o) nos jogos e carícias, para que consiga ter prazer, assim como: da qualidade dos vínculos, da tolerância à frustração e das reações do outro.

A frustração da(o) parceira(o) pode gerar raiva, e desencadear cobranças, e críticas, não só a ele sexualmente, mas a ele como homem. Ameaças muitas vezes veladas ou até mesmo diretas, quanto à referência a outros parceiros. Por vezes, ele cada vez mais inseguro, se encolhe, inferioriza-se, deprime e abusa do álcool. Ou sente raiva e a necessidade de descontar, crescendo e agredindo em outro campo de interação.

A ejaculação retardada, disfunção menos freqüente, também causa dificuldades na relação a dois. Por vezes, observa-se diminuição de desejo na(o) parceira(o), pois a disfunção provoca a percepção de que, ele não tem mesmo é "tesão" nela(e) e, com isso surgem desconfianças, sentimento de menos valia, cansaço e evitação sexual.

Também os(as) parceiros(as) de mulheres disfuncionais são ativadores e ou receptores dos problemas sexuais delas atingindo, não só a interação sexual como a dinâmica conjugal. No transtorno do orgasmo, por exemplo, é preciso que se saiba se: - Ela(e) tem orgasmo quando se masturba? Se tem por manipulação? No sexo oral? Com outras pessoas? Se já teve e deixou de ter? Só não tem na penetração? Desde quando o problema ocorre? Que significantes estão associados?

Como ela se percebe com esta disfunção? Como percebe a interação sexual que têm? Responsabiliza o(a) parceiro(a)? Como ele(a) reage a anorgasmia? Critica, compara, inferioriza? Sente-se menos importante, em função dela(e), não ter prazer com seu pênis? Finge que não percebe e ou ela(e) nada fala, mas sente-se infeliz, inferior e, ou por vezes, percebe o(a) parceiro(a) como muito pouco interessado(a) em seu prazer, ou mesmo nela(e) de forma geral.

Quando há falta de jogos sexuais e a relação ocorre de maneira direta e mecânica, o(a) outro(a) do par, tem dificuldade de excitação, orgasmo e como consequência o desejo sexual vai desaparecendo. Por outro lado, o outro do par, pode achar que já tentou muito, mas como não nada deu certo desistiu e agora pensa a relação realmente só para si, não se importando mais com o prazer dela(e).

A anorgasmia pode gerar como consequência sentimentos de inferiorizações, distanciamento, pouca tolerância, evitação de sexo, crítica veladas ou diretas. Tudo depende da estrutura de personalidade das pessoas envolvidas e da forma como o problema ocorre, podendo levar a insatisfações em geral e sérios conflitos.

O vaginismo apresenta-se com intensidade variada e, em alguns casos, dissociado de repressão sexual. Em algumas existem variações sexuais com: manipulação clitoriana, sexo oral e ou até mesmo penetração anal, com prazer e orgasmo para ambos, impossível é a penetração vaginal, com isso, alguns casais conseguem viver contornando esta condição, até mesmo por anos, só procurando ajuda, quando querem engravidar ou quando o parceiro, já não tolera mais e as reclamações, brigas e conflitos, atingem o cotidiano conjugal e eles a ameaçam com a separação (ANDRADE-SILVA, 2009).

Por vezes, o vaginismo gera nos parceiros diminuição de desejo, falha de ereção ou ejaculação precoce, assim como sentimentos de inferioridade, incompetência, medo de que ela não tenha é “tesão” nele. Nelas sentimentos de inferioridade, incompetência e insegurança como mulher e em geral. O casal se encolhe para que ninguém desconfie, não falam disso com outros, pois tem vergonha de sua incompetência. Os parceiros são muitas vezes homens, compreensivos, sensíveis e que se acomodam, sem impingir sua vontade. Relatam que não suportam vê-las sofrer por causa deles, ou mesmo se excitar com as caras, choros e trancamentos, que elas fazem, quando tentavam a penetração. Em outros é o problema dela que encobre o dele, como uma ejaculação precoce ou falha de ereção à penetração. O encontro de tais casais ocorre, pelas características deles, pois elas relatam que sempre fugiram de homens mais incisivos, diretos e viris.

Quanto à dispareunia, por vezes, encontra-se relacionada à não excitação, ou a falta de lubrificação, por penetração mais direta, não dando tempo para que ela se excite. Em outros casos surge mais tarde e encontra-se associada à menopausa, ou a alguma DST, ou um outro problema ginecológico. Portanto, dependendo da origem do problema e da forma como o casal interage com a dificuldade, as relações conjugais serão afetadas de formas distintas. Por vezes, elas não falam sobre o desconforto e vivenciam tensão, evitação sexual, anorgasmia e diminuição de desejo. Em outros casos comentam e o parceiro entende e insiste que procurem um médico. No entanto outros se tornam impacientes, inferiorizam e humilham. Tornam-se brutos e agressivos, e o mau humor e as grosserias, estendem-se ao convívio da família em geral.

Diante de todo o exposto, fica claro, que toda dinâmica entre as disfunções sexuais e as relações conjugais é um processo interdependente. Depende de cada um do par, do significado do outro e de sexo para cada um, dos vínculos de intimidade e confiança estabelecidos, do significado da união, da etiologia da disfunção, de como lidam com o problema, do momento da relação a dois e do tipo de vida sexual que tiveram antes. Assim, é preciso frisar, que cada casal tem um mundo próprio e, as ações terapêuticas de atendimento ao casal, têm tomado por base recursos de várias correntes teóricas, que tentam entender e embasar o atendimento aos diferentes casais atuais.

## Referências

ABDO, C.H.N. ET AL. **Estudo da Vida Sexual do Brasileiro**. São Paulo: Bregantini, 2004.

ANDRADE SILVA, M.C. Terapia Sexual e Inclusão Social. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 14(2). São Paulo: Iglu, 2003, p.27-37.

ANDRADE SILVA, M.C. e CARVALHOSA, R. atendimentos no Ambulatório de Sexologia e Psicossomática do Hospital Municipal de Ensino da Piedade em parceria com a Disciplina de Ginecologia da UGF. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 20(2). São Paulo: Iglu, 2009, p.109 -130.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2004.

BUCHER, J. S. N. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

DINIZ, G.R.S. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

FÉRES-CARNEIRO, T. Conjugalidade, um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1998.

KAPLAN, H.S. **Transtornos do desejo sexual: regulação disfuncional da motivação sexual**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1999.

MASTER, W. JOHONSON, V. e KOLODNY, R. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

PAPP, P. Casais em perigo - novas diretrizes para terapeutas. In: PAPP, P. **Casais em perigo - novas diretrizes para terapeutas** (org). Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

RUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zarar, 2002.

STERNBERG, R, J. The Triangle of Love. In: STERNBERG, R.J. and BARNES, M. L. (eds.) **The Psychology of Love**. Yale University Press, 1988.